

Citibank dá sinal para endurecimento

Nova Iorque — O sinal dado pelo Citibank sobre uma possível diminuição de seus empréstimos ao Brasil reflete um endurecimento do setor bancário e antecipa a possibilidade de uma longa confrontação, concordaram ontem círculos bancários e analistas financeiros.

Após a moratória decretada no pagamento dos juros da dívida brasileira, no dia 20 de fevereiro o anúncio do Citibank demarca os campos para um «choque» sobre a renegociação da dívida bancária do Brasil de médio e longo prazos, que chega a quase 70 bilhões de dólares, disseram as fontes.

A confrontação mostrará um Brasil determinado a conseguir baixas substanciais em seus pagamentos externos e garantias de novo financiamento. É um setor bancário que desde 1982, preparou-se acumulando reservas para eventuais perdas em seus empréstimos ao Terceiro Mundo, o que lhe permite encarar as negociações com mais tranquilidade.

O Citibank, maior banco norte-americano e principal credor do Brasil, anunciou na sexta-feira passada ter prevenido a comissão de câmbios e valores que poderia diminuir a classificação de seus empréstimos a médio e longo prazos com o Brasil, por um total de 3,9 bilhões de dólares.

A medida teria um impacto de 50 milhões de dólares nos lucros do Citibank no primeiro trimestre, e de 190 milhões de dólares se a situação se prolongar por todo o ano, anunciou o banco.

Prejuízos

O Bank of America, menos exposto que o Citibank mas mais sensível a qualquer atraso nos lucros por ter tido que declarar prejuízos nos dois últimos trimestres, não quis especificar o impacto potencial de uma continuidade do cessar de pagamentos brasileiros, mas destacou que o montante de seus empréstimos afetados é de 1,5 bilhão de dólares.

O Brasil suspendeu no dia 20 de fevereiro os pagamentos dos juros sobre sua dívida bancária de médio e longo prazos, e anunciou que não os reiniciará enquanto não conseguir um acordo multianual que reduza substancialmente seus pagamentos e lhe garanta o novo financiamento necessário para evitar interrupções em seu crescimento econômico.

Essa declaração, e o passo dado pelo Citibank, aumentaram a ansiedade entre os outros bancos credores do Brasil, que provavelmente seguirão o exemplo do maior banco norte-americano, segundo os analistas bancários.

A empresa de análises financeiras Keefe, Bruyette e Woods estimou, como exemplo, que um cessar de pagamentos brasileiros cortaria em média 170 por cento dos lucros dos maiores bancos norte-americanos em 1986.

O estudo sugeriu que o Citicorp teria visto reduzidos seus lucros em 200 por cento (340 milhões de dólares).

Chase Manhattan 210 por cento (177,2), Manufacturers Hanover 320 por cento (141,9), J.P. Morgan 100 por cento (116,6), Chemical 160 por cento (78,5), Bankers Trust 110 por cento (57,2), First Chicago 150 por cento (53,3), Nardine Midland 200 por cento (36,9) e Wells Fargo 11 por cento (43,1).

Vários bancos refutaram esses números, considerando-os exagerados.

Funcionários dos bancos e do governo norte-americanos disseram que o Brasil deveria primeiro «pôr a casa em ordem» e apresentar um plano econômico antes de qualquer negociação.

Mas o ministro Funaro refutou esses comentários como «sem sentido», des-

tinando que ninguém se preocupava pela inflação brasileira enquanto o país produzia grandes excedentes comerciais que lhe permitiam cumprir com seus pagamentos.